

JORNAL: O GLOBO

LOCAL: _____

DATA: 9/11/84 AUTOR: FREDERICO MORAIS

TÍTULO: _____

ASSUNTO: CONCRETOS CARIOCAS NA GALERIA BANERJ E

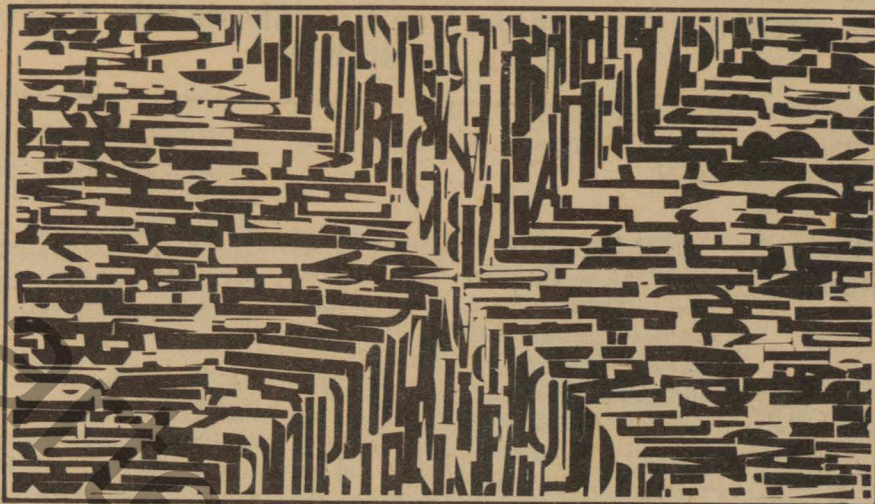
COLAGENS DE CARLI MOORE NO PARQUE LAGE

Globo 9-11-84 (2º caderno)

Concretos cariocas na Galeria Banerj e colagens de Carli Moore no Parque Lage

Este fim de semana oferece boas opções ao leitor interessado em artes plásticas. No Museu Nacional de Belas Artes, um percurso dos últimos dez anos de Abelardo Zaluár — ativação da cor e planos em movimento. Na galeria de arte Banerj, duas mostras simultâneas analisam a primeira turma de concretos cariocas: "Grupo Frente/1954-1956" e "I Exposição Nacional de Arte Abstrata/1953". No circuito comercial, um dos melhores representantes da "pattern painting" norte-americana, Robert Kushner, (Galeria Thomas Cohn) uma envolvente reflexão de Sérgio Ferro sobre Miguel Ângelo (Petite Galerie) e o expressionismo ouropretano de Carlos Bracher (Galeria Bonino).

E no Parque Lage (que está muito sujo e abandonado), a Escola de Artes Visuais expõe desenho, colagens e um art-door de Carli Moore. No seu trabalho são visíveis duas influências, uma de Ivan Serpa, seu professor, que lhe incutiu as noções de rigor e método compositivo. Ou-



Colagem, 1984, que Carli Moore expõe na Escola de Artes Visuais

tra, a de sua atividade como professora de arte para crianças e jovens. A herança de Serpa se manifesta na opção pela colagem que resulta em trabalhos de efeitos óticos. O seu art-door, por exemplo, é muito bom. Visto de perto vemos labirintos formados com palavras e letras, áreas de maior ou menor concentração visual, de negros e cinzas, profundidades e chapadas. Visto de longe, porém toda a área se apresenta quase que como um

espaço único, monocromático. É, em certo sentido, um anti out-door. Na galeria, dentro da Escola, temos três trabalhos coexistindo: colagens com letras — as que se organizam em diagonais, com recortes coloridos são as melhores; uma espécie de "muro de papel",

para livre participação do espectador, que poderá colar ali seus papéis; e uma seqüência de desenhos, em que os elementos formais se repetem, produzindo espécies de miniaturas "tecidas". É o melhor do trabalho de Carli Moore, que nele associa método (a repetição) e emoção (a marca do gesto gráfico, da cor). Penso, aliás, ser este o caminho que a artista deve seguir em seus trabalhos futuros.

FREDERICO MORAIS

Grãnea